

_____ DOSSIÊ: _____

DESLOCAMENTOS URBANOS: FLUXOS, TRAJETOS E PROJETOS

APRESENTAÇÃO

Este dossiê é dedicado à memória do Professor Gilberto Velho. A importância de sua obra para a Antropologia e, particularmente, para a Antropologia Urbana é evidente na marca indelével que deixou, formando e influenciando gerações de antropólogos como orientador, professor, pesquisador e escritor.

Este dossiê apresenta o tema dos deslocamentos urbanos sob uma ótica singular: a tentativa de apreender tais fenômenos sem criar uma separação rígida ou uma linha intransponível entre as formas de mobilidade locais e as internacionais e transnacionais, mas, ao contrário, pensá-las *em relação*. Nosso intuito é realçar a importância da dimensão valorativa do deslocamento, do seu impacto na vida cotidiana, nos projetos e nas trajetórias individuais ou coletivas, sem deixar de considerar a diferença de escala ou as questões estruturais implicadas nesses casos.

Na tentativa de entendermos esses deslocamentos, propomos um debate que aborde a questão da mobilidade, do território, mas, igualmente, das fronteiras simbólicas, virtuais, entre outras, da relação espaço-tempo e dos processos identitários. Para isso, noções como as de projeto, trajetória, trajeto, redes, fluxos, entre outras, serão acionadas na busca pela compreensão de fenômenos complexos e multifacetados.

Ao colocar em destaque a experiência do trânsito, esta coletânea procura refletir sobre as relações entre as dimensões micro e macroestruturais, bem

como sobre o diálogo entre sociedade e indivíduo, estrutura (como forma herdada) e história (como possibilidade em aberto). O desequilíbrio na correlação destas forças é capaz de revelar como os significados são constantemente colocados em risco pela ação. As trajetórias são testemunhos tanto da força das formas estabelecidas, quanto da capacidade de superá-las. Elas sinalizam o poder da contingência, do devir, como uma possibilidade de se compreender o presente como um evento capaz de reconfigurar o destino de cada um.

As motivações dos deslocamentos são pluridimensionais. A diversidade das experiências aqui relatadas revela desde os aspectos mais microscópicos e subjetivos aos estruturais; as relações sociais mais efêmeras ou duradouras. A mobilidade na cidade e entre cidades (de um mesmo país ou de países e continentes distintos) nos impõe as consequências da(s) globalização(ões).

Nesse sentido, as últimas décadas das economias capitalistas demonstram as profundas transformações associadas, entre outras, a um processo de reestruturação das formas de organização do capital, à evolução tecnológica, à transnacionalização das empresas e à circulação intensa de informações, bens e pessoas (ORTIZ, 1994; CHESNAIS, 1995; FEATHERSTONE, 1996, 1999). As fronteiras tradicionais dos Estados-nações também acompanharam tais mudanças, e a questão dos fluxos de pessoas, mercadorias e dinheiro apresenta, desse modo, impactos que têm tido cada vez mais destaque no panorama atual. Há uma ideia difusa, mas muito difundida, de que no mundo contemporâneo as fronteiras espaciais foram atenuadas, ou, ainda, para os mais radicais, elas tendem a desaparecer (referindo-se, por exemplo, ao Estado-nação) e sua contrapartida seria justamente o “encolhimento do mundo” (HARVEY, 1989) possibilitado por novas tecnologias de comunicação, pela velocidade de circulação, de transporte e pela simultaneidade de eventos. O tempo, assim, parece querer engolir o espaço.

As facetas desses processos sociais podem ser enunciadas de forma mais ampla desde as manifestações de discriminação e exclusão até o acirramento das diferenças, simultaneamente aos movimentos solidários de apoio ou afirmação da diversidade e o engajamento em “comunidades”. O jogo entre homogeneidade/heterogeneidade parece indicar que as fronteiras, ao contrário de serem destruídas, são recriadas, e novas comunidades são (re)imaginadas (ANDERSON, 1983) sob outras lógicas de pertencimento e inclusão, gerando também novas retóricas e práticas de exclusão.

Nesse contexto, surgem diversificadas formas de pertencimentos sociais e culturais, redimensionando o papel dos atores sociais em uma associação entre fluxos e urbanidades. A noção de “fluxo”, conforme nos advertiu

Hannerz (1997), não é uma exclusividade da antropologia; seu uso é transdisciplinar e seus sentidos variam de maneira considerável. O caráter metafórico e provisório de noções como esta revela a ambiguidade e desnuda o “conforto relativo” das construções teóricas tomadas como definitivas, pois, afinal, as teorias precisam ser reavaliadas, revistas, refeitas frente a um mundo social em constante mudança.

Quando nos referimos aos fluxos, não o fazemos simplesmente a partir da ideia de redistribuição territorial, que seria afeita à de difusão, conforme ressaltou o autor: “deslocamento de uma coisa no tempo, de um lugar para outro” (HANNERZ, 1997, p. 11). Pretendemos enfatizar os fluxos não necessária ou exclusivamente físico-espaciais, apesar de este estar contemplado, mas, fundamentalmente, simbólico e constitutivo dessas identidades.¹ Tal qual ressaltou Hannerz, os fluxos têm direções, mas isso não significa homogeneização do mundo, como alguns poderiam supor; também tratamos da multidentalidade, dos contrafluxos (APPADURAI, 1996) e por que não dizer dos curtos-circuitos, exemplos da ambiguidade, complexidade e capacidade de renovação criativa dos atores sociais.

Poderíamos dizer que, no limite, a ideia de “fluxo” nos ajuda a desestabilizar certas concepções antropológicas de “cultura”, muito disseminada ao longo do século XX. Como escreve Gonçalves (1998, p. 11), “em especial aquelas concepções em que a ‘cultura’ aparece como uma totalidade integrada no espaço e contínua no tempo, dotada de uma ‘identidade’ e de fronteiras muito bem definidas, fundada em ‘raízes’ e portadora de ‘autenticidade’”.

Assim, não apenas os sujeitos de nossas pesquisas estão “em movimento”, como nossas reflexões precisam dar conta de forma teórico-metodológica desses movimentos e, em alguma medida, desterritorializar o trabalho de campo para em seguida produzi-lo (APPADURAI, 1991). Trabalhos etnográficos recentes têm discutido as condições de possibilidade de sua produção, apresentando os desafios de definir o campo ou terreno a partir da necessidade de descrever, acompanhar e apreender os fluxos e processos de des-re-territorializações (APPADURAI, 1991; MARCUS, 1995; LIMA; SARRÓ, 2006). Tais questões trazem ao debate as vicissitudes do fazer etnográfico nos terrenos urbanos e metropolitanos, algumas com atenção especial aos fluxos migratórios. A relação entre o intercruzamento de redes (locais e translocais) e a produção da localidade expõe a interessante discussão sobre “fluxos e encerramentos” (MAPRIL, 2006), colocando em relevo as especificidades de refletir sobre o mundo contemporâneo. De imigrantes laborais a turistas, de profissionais transnacionais a internautas,

¹ Por exemplo, jovens DJ's, jovens do movimento *punk* ou do *hip-hop*, *punks* entre outros já estudados por antropólogos e sociólogos.

dos habitantes das regiões metropolitanas e seus deslocamentos diários entre casa/trabalho/ lazer/ estudos a pastores em missões locais e internacionais; o movimento se apresenta como constitutivo do cotidiano dos indivíduos, quer estes se engajem nele, quer não.

Em convergência com tais ideias, abrimos este dossiê com o artigo intitulado *De minoria étnica à maioria linguística. Metamorfoses do sentido de “português” em Massachusetts (século XX-XXI)*, de Graça Índias Cordeiro, no qual a autora analisa a mobilização de imigrantes residentes no estado de Massachusetts – sobretudo brasileiros, portugueses e cabo-verdianos – em torno da inclusão da categoria *Portuguese Speaker* no censo populacional dos Estados Unidos da América. Cordeiro mostra que este movimento, protagonizado pelo *Massachusetts Alliance of Portuguese Speakers* (Maps), está fortemente relacionado com a intensa presença de brasileiros na região de Boston. O texto explora a dinâmica dos processos de constituição social e simbólica de uma “comunidade de língua portuguesa”, revelando a ambiguidade da categoria “português”, que assume diversos sentidos: nacionais, étnicos, culturais, linguísticos etc., em meio a tensas e conflituosas negociações. Cordeiro revela, desse modo, como categorias sociais heterogêneas procuram constituir seus discursos e pertencimentos sociais, objetificando um referente identitário – a língua portuguesa –, de modo a transformar sua relativa invisibilidade numa visibilidade positiva. Inscrito no campo de estudos de etnicidade em contextos urbanos, o artigo contribui para melhor compreendermos a dinâmica processual das diferenciações étnicas que, como ressalta a autora, não cessam de emergir e de se reinventar nas cidades cosmopolitas.

Na sequência temos o artigo de Leonardo Cavalcanti, intitulado *De trabajadores inmigrantes a empresarios. Las principales causas de las iniciativas empresariales de los inmigrantes brasileños en Barcelona*. Ao analisar a situação de imigrantes brasileiros que abandonam o trabalho assalariado para se tornarem empresários, o autor desconstrói a representação naturalizada dessas categorias sociais, como mão de obra assalariada e desqualificada ou como indivíduos passivos que integram os estratos mais baixos da sociedade. Cavalcanti mostra que a constituição de fontes próprias de recursos é uma forma de essas categorias serem reconhecidas, técnica e socialmente, pela sociedade abrangente. O texto apresenta um exame sobre os estudos a respeito do empresário imigrante na Espanha e explora as razões que levam estes brasileiros a se engajarem em atividades empreendedoras, propondo vê-las como “fatos sociais totais” (MAUSS, 2003), ou seja, fenômenos atravessados por múltiplas dimensões da vida social: moral, ética, social, morfológica, jurídica etc. Combinando dados quantitativos e qualitativos,

o autor elabora um sofisticado mapa sociodemográfico destes empresários brasileiros, através de uma metodologia que denomina de *investigación de diseño multimétodo*.

Publicamos, também, nesta coletânea o artigo *Quando o campo se move: trajetórias e projetos entre redes locais e transnacionais*, de Alessandra Siqueira Barreto e Rogéria Campos de A. Dutra. Partindo de suas pesquisas empíricas, as autoras propõem uma análise comparativa da nova “situação social” (GLUCKMAN, 2009) em que se encontram dois indivíduos e suas famílias, que vivenciam a experiência migratória; um local e outro transnacional. Trata-se das trajetórias de uma família que se move do interior do estado do Rio de Janeiro para a capital e de um jovem pastor mineiro com sua esposa e filha para a Holanda. O artigo destaca a ambiguidade ou liminaridade em que se encontram tais categorias nesses novos contextos e sugere que os casos apresentados revelam como os indivíduos, em situação de migração, buscam articular suas redes sociais, de forma a se integrarem no local de destino. A interessante sugestão das autoras está no fato de que se, de um lado, a migração aponta para o risco, o perigo e a instabilidade, de outro, ela abre inúmeras possibilidades criativas atualizadas nos projetos e nas trajetórias pessoais. Não apenas a noção de “rede” é cuidadosamente fundamentada, a partir das contribuições dos manchesterianos, entre outros, como também a ideia de “medição”, ocupando um lugar central nas análises. O texto ressalta ainda o dilema entre a continuidade do passado e a construção do futuro, vivenciado por migrantes, que tende a se resolver no presente, através de uma redefinição plástica, da rede de relações sociais e do sistema de papéis sociais.

Encerramos o dossiê com um estudo que investiga os efeitos da expansão universitária no Distrito Federal sobre a vida de estudantes residentes em áreas “periféricas” da cidade. Em *Trajetoórias, trajetões e “motilidade” na Universidade de Brasília*, Cristina Patriota de Moura e Larissa Fernandes Lins de Vasconcelos exploram a noção de “motilidade” (KAUFMAN; BERGMAN; JOYE, 2004; FLAMM; KAUFMAN, 2006), acompanhando etnograficamente a mobilidade geográfica e social de estudantes dos *Campi* Darcy Ribeiro e Ceilândia da UNB. As autoras articulam, em suas análises, relatos autobiográficos de trajetórias de vida de indivíduos que se encontram em processo “liminar” de formação. A relevante contribuição deste artigo, no conjunto de textos que compõem o dossiê, está em revelar a complexidade destes deslocamentos entre diferentes mundos, apontando simultaneamente para os entraves cotidianos a serem ultrapassados e para o potencial criativo das pessoas que neles se engajam.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Imagined communities*. London, New York: Verso, 1983.

APPADURAI, Arjun. Global ethnoscares: notes and queries for a transnational anthropology. In: FOX, R. (Ed.). *Recapturing anthropology: working in the present*. Santa Fe: School of American Press, 1991.

_____. *Modernity at large. Cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

CHESNAIS, François. A globalização e o curso do capitalismo de fim de século. *Economia e Sociedade*, Campinas, n. 5, 1995.

FEATHERSTONE, Mike. Localismo, globalismo e identidade cultural. *Sociedade e Estado*, v. 11, n. 1, p. 9-42, jan./jun. 1996.

_____. *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1999.

FLAMM, Michael; KAUFMANN, Vincent. Operationalising the Concept of Motility: A Qualitative Study. *Mobilities*, v. 1, n. 2, p. 167-189, July 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo. Apresentação. In: _____. (Org.) *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na zuluslândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das sociedades complexas: métodos*. São Paulo: Global, 2009. p. 227-344.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da Antropologia Transnacional. *Mana*, v. 3, n. 1, p. 7-39, 1997.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1989.

KAUFMAN, Vincent; BERGMAN, Manfred; JOYE, Dominique. Motility: Mobility as Capital. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 28, n.4, p. 745-756, Dec. 2004.

LIMA, Antónia P. de; SARRÓ, Ramon (Orgs.). *Terrenos metropolitanos: ensaios sobre produção etnográfica*. Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

MAPRIL, José. “Passageiros de Schengen”, a dialética entre fluxo e encerramento no trabalho de campo. In: LIMA, Antónia P. de; SARRÓ,

Ramon (Orgs.). *Terrenos metropolitanos: ensaios sobre produção etnográfica*. Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, v. 24, p. 95-117, 1995.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.